Ano XII — Lisboa, Julho de 1956 — N.º 135

# SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 • PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

# NOMES EVOCATIVOS



Aljubarrota, Austerlitz, Trafalgar, eis alguns nomes que são verdadeiras legendas na História de grandes nações. Quando eles desfilam sob os nossos olhos, trazem-nos ideias bem precisas de valor, de esforço, de glória.

Todos os povos podem ajuntar outros nomes a esta pequena relação, retirados do obscurantismo geográfico ou do desinteresse económico em que jazem, mas singularmente assinalados por feitos brilhantes ou por actos de bravura. A par destes, há, contudo, os de memória menos feliz. Alcácer-Quibir é um trecho amargo dos anais de Portugal, assim como Waterloo para as hostes gloriosas de Napoleão. Nos nossos dias, Dunquerque, Caen, Estalinegrado são páginas de epopeia, sim, mas donde ainda goteja o sangue generoso de nossos contemporâneos. Têm o sabor do épico, mas travado por sacrifícios insanos, por tragédias de proporções inenarráveis. Porém, outros nomes há, também geogràficamente humildes, que aliam impressões de jaez diferente, onde não estão fixadas imagens de batalhas, mas em que se desenrolaram eventos famosos, que atraíram a atenção do mundo. Lembramo-nos da pequenina Belém de Judá, teatro da bela cena do Presépio, ou de Jerusalém, onde se cumpriram os trágicos passos do Calvário.

Vemos, assim, que não são muitas vezes os grandes nomes das cartas geográficas os mais perduráveis no memorial dos homens. Outros há, simples e envergonhados da sua pequenez, que guardam esplendorosos factos de repercussão fora do comum.

Também o Escotismo tem nomes de vulto nos seus anais. Alguns pertencem a terras grandes e assás conhecidas; outros são de povoaçõezinhas humildes, mas já bem arreigadas no passado no nosso Movimento.

Em primeiro, surge-nos Mafeking, onde a genial concepção deitou as primeiras raízes e, anos mais tarde, Brownsea, a ilha em que o Escotismo começa a tomar forma, a consolidar-se definitivamente. Nieri, no Quénia, também muito fala aos escoteiros; ali está depositado o corpo do Fundador para o sono de séculos.

Todavia, não ficam por aqui os «nomes» do Escotismo; os jamboris, as grandes reuniões da mocidade do mundo, atestam a sua enorme vitalidade: Londres, Ermelunden, Burkenhead, Godöllö, Vogelenzang (o último a que assistiu B.—P.), Moisson, Bad Ischl, Niagara-on-the-Lake, são termos que representam algo para algumas gerações de homens dos quatros cantos da Terra.

É este o magnífico «palmarés» do nosso Movimento, o qual, certamente, terá tido, em muitos países, empreendimentos similares, mas de âmbito um tanto mais restrito.

Em Portugal, infelizmente, não existe nome algum que marque um triunfo perdurável do nosso Movimento. Vivendo acanhadamente, anquilosado por uma persistente desorientação, sofrendo a falta de um escol numeroso de dirigentes, o Escotismo português aguarda a sua hora, espera pacientemente uma reviravolta para sanar as suas dificiências e deturpações.

Chegará alguma vez essa tão ansiada hora? eis a interrogação que se formula dolorosamente no coração dos verdadeiros escoteiros da nossa terra. Como este movimento não pode albergar almas votadas a sentimentos pessimistas, nós alinhamos entre aqueles que pacientemente

(Conclui na 3.ª página)

# David M. de Barros

*Estava o «Sempre Pronto» quase a entrar na máquina, quando um telegrama enviado por mão amiga nos trouxe a dolorosa notícia do falecimento no Rio de Janeiro deste nosso querido amigo e dedicado correspondente no Brasil.*

*David M. de Barros, nosso compatriota, há muitos anos residente no Brasil, era um dos bons colaboradores deste mensário. A sua palavra de amizade e de estímulo estava sempre presente nos momentos difíceis e nos momentos de alegria. A distância que nos separava em nada diminuia o seu interesse pelo Escotismo na sua Pátria e, particularmente, pelo «Sempre Pronto». Se descortinava em nós qualquer desânimo, logo nos dedicava palavras de encorajamento, garantindo-nos que o «Sempre Pronto» estava realizando um óptimo trabalho a favor do engrandecimento do Escotismo e que devíamos prosseguir sem desfalecimento porque a Obra bem merecia o nosso esforço.*

*Depois, adoeceu. A correspondência começou a rarear. No entanto, sempre que os médicos lhe concediam um dia de licença e ele podia dirigir-se a casa, era certo que o «Sempre Pronto» tinha nova carta do seu dedicadíssimo correspondente. Quando, em 1954, os Escoteiros de Portugal foram ao Acampamento Internacional de Patrulhas, em São Paulo, David de Barros teve a sua maior alegria. O seu estado de saúde não lhe permitia já acompanhar os seus queridos compatriotas, mas ainda assim os visitou e se interessou por tudo que dizia respeito à representação de Portugal. Três dias depois da nossa delegação chegar ao Rio de Janeiro, já o «Sempre Pronto» recebia por avião uma boa fotografia da recepção a bordo do «Santa Maria».*

*Mais tarde, escrevia-nos: Como lhe disse, foi uma das delegações escoteiras que melhor impressionou, tanto pelos seus rapazes, como por sua apresentação, disciplina e valor. Realmen-*

(Conclui na 2.ª página)

# O Regulamento Geral dos Escoteiros de Portugal

Sabemos que os Serviços Centrais resolveram pôr em execução o Regulamento Geral, em virtude de assim interpretarem o § 3.º do art.º 11.º dos Estatutos, que diz: *Os Serviços Centrais têm especialmente por fim, dentro do critério definido no art.º 4.º* (entre diversas atribuições): *Elaborar um regulamento geral, bem como manuais, onde se acfiem estabelecidos os princípios e regras de educação pelo Escotismo e da administração da Associação dos Escoteiros de Portugal, procurando sempre o seu constante aperfeiçoamento.*

É interessante notar que este parágrafo faz referência ao critério definido no art.º 4.º, que afirma: *A Associação dos Escoteiros de Portugal é um agregado de instituições autónomas em tudo o que no interesse comum não implique uma imperiosa necessidade de centralização.*

Todavia, o espírito deste artigo, fundamental da associação, andou alheio da redacção não só do Regulamento Geral, mas mesmo do Projecto de 1951.

À Direcção Central, sem dúvida, compete fazer o estudo do Regulamento Geral e elaborá-lo. Mas isso de maneira nenhuma anula o disposto noutros artigos já citados no último número do «Sempre Pronto».

Além disso, sempre que há diferenças de critério na interpretação da lei, procura-se conhecer o critério seguido anteriormente, porque O USO FAZ LEI. O Regulamento Geral tem sido sempre submetido à aprovação da Conferência de Dirigentes.

Contudo, a Direcção assumiu, para a solução deste problema, uma atitude verdadeiramente digna, que só a prestigia. O Escoteiro-Chefe-Geral, sr. comodoro Daniel Duarte Silva, chamou os dirigentes dos grupos que se tinham mostrado discordantes do Regulamento Geral e afirmou-lhes que não havia a menor intenção de prejudicar qualquer grupo e que a Direcção estava pronta a rever o R. G. Conversou com os mesmos acerca dos pontos em que havia diferenças de critério, pedindo a todos, com muito interesse, para que fizessem uma exposição acerca da matéria que em seu entender deveria ser incluída no Regulamento ou sobre a qual parecia necessária outra redacção. O Escoteiro-Chefe-Geral garantiu que a direcção estudaria essas exposições e procuraria atendê-las com um critério de justiça, e que, oportunamente, reuniria a Conferência de Dirigentes.

Congratulamo-nos com a atitude da Direcção, que confirma o desejo tantas vezes expresso de tudo fazer para dar um novo alento à vida associativa.

Pela nossa parte, afirmamos que as nossas diferenças de critério não significam menos respeito e consideração para com a Direcção Central. No Escotismo ensina-se o rapaz a fazer uso da sua razão para o estudo dos problemas e a agir com lealdade. A nossa forma franca de concordar ou discordar significa lealdade para com todos.

Temos de ser tão leais na concordância como na discordância. É verdadeiramente ofensiva uma concordância desleal na esperança de vir a receber quaisquer benefícios futuros.

Com tal espírito nunca teríamos Escotismo em Portugal. Estamos, no entanto, confiados em que a atitude digna da Direcção, procurando fazer justiça, será incentivo para que todos saibam que atitudes servis e dúbias não impressionam favoràvelmente quem tem a consciência do seu Dever.

* * *

Gostaríamos ainda de fazer um reparo ao regulamento. O artigo 76.º diz: «*Em cada Divisão haverá um Conselho de Guias, etc.*» Lembramos que na Divisão Lobito não há Conselho de Guias. As crianças não têm idade para essas actividades. Os Conselhos de Guias são próprios do *sistema de patrulhas*. Na Divisão Lobito é apenas esboçado o sistema de patrulhas, porque não está apropriado à psicologia infantil. O Guia de Bando, mesmo, não corresponde ao Guia de Patrulha.

De igual forma, não há Conselho de Guias na Divisão de Caminheiros, mas Conselho de Clã em que tomam parte todos os Caminheiros. É necessário, para que possa haver trabalho profícuo, que se compreendam as características de cada Divisão e os seus métodos de trabalho. O Regulamento devia começar por difinir essas diferenças de método, em vez de criar um padrão igual para todas as Divisões.

Permitimo-nos recomendar este reparo à consideração do sr. Escoteiro-Chefe-Geral.

## DAVID M. DE BARROS

*(Conclusão da 1.ª página)*

*te, os Escoteiros de Portugal marcaram um grande triunfo com sua vinda ao Brasil».*

*Mas a doença era de um carácter muitíssimo grave. As sucessivas operações não conseguiram suster o mal, que implacàvelmente o minava. Sofria, mas o seu espírito não quebrantava. Numa das últimas cartas, que ele ditava e o seu amigo Reinaldo Galvão escrevia, mostrava compreender a profundidade do mal, mas, apesar disso, mantinha o mesmo espírito escoteiro, interessando-se pelos assuntos como se deles se pudesse continuar a ocupar.*

*Faleceu no dia 13 passado e no dia 14 chegava o telegrama com a infausta notícia. Não surpreendeu, mas nem por isso a tristeza foi menor. O Escotismo Português perde um bom amigo e colaborador, o Escotismo Brasileiro um dos seus maiores valores, um dirigente que desempenhava sempre com competência qualquer tarefa que lhe era distribuída.*

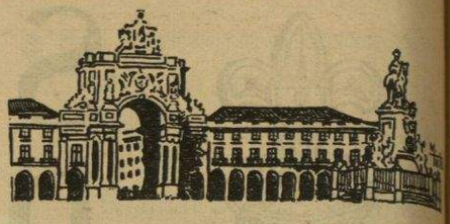
*A última carta de David de Barros, datada de 9 de corrente, foi recebida um dia após o telegrama da sua morte. Interessava-se ainda pelo «Sempre Pronto». Nem uma palavra acerca do seu sofrimento.*

*Esperamos poder dar algumas notas biográficas do nosso saudoso amigo, no próximo número do nosso jornal.*

## MORREU O PADRE AMÉRICO!

*Ia o nosso jornal entrar na máquina, quando de novo chegou uma notícia muito triste: O Padre Américo, o homem que todo o país admirava pela sua notável obra de educação a favor dos rapazes desamparados, o carinhoso criador da Casa do Gaiato, sofrera um brutal acidente de viação e vinha a falecer dois dias depois.*

*«Sempre Pronto» curva-se respeitoso em sentida homenagem ao grande educador e filantropo, que, dando à palavra amor todo o seu significado cristão, dedicou a sua vida aos gaiatos de Portugal, oferecendo um lar e uma vida digna a muitos que se encontraram sem uma mão que os ajudasse a trilhar um caminho recto.*



# O ESCOTISMO NA CAPITAL

## Grupo n.º 94

No dia 14 de Maio, este grupo realizou na sua sede uma festa recreativa, dedicada às famílias dos escoteiros e amigos do grupo. Assistiu ainda o delegado regional sr. dr. Eugénio Henrique Ramos, acompanhado de sua Esposa, e o antigo-escoteiro sr. Eduardo Quintino.

O chefe do Grupo, o nosso companheiro Capitolino Ferreira Macedo, saudou os presentes e apresentou os artistas, escoteiros, e o distinto ilusionista amador sr. Rolão, antigo escoteiro do «94», e dois amigos do grupo. Seguiu-se o variado programa que se iniciou pela comédia em um acto «Médico à pressa», desempenhada pelo chefe Tacão Monteiro, guias Armando Inácio e José Eduardo P. Ribeiro, e subguia José Lisboa.

No acto de variedades tomaram parte quase todos os escoteiros, o ilusionista e antigo-escoteiro já citado, e os srs. João Aníbal do Nascimento e Acácio Ferreira, o primeiro que entoou diversas canções e o segundo que as acompanhou à guitarra.

Foi uma festa simples, esta festa de escoteiros, mas agradável e alegre. Muitos números de música eram da autoria do subchefe Tacão Monteiro, a quem pertenciam também algumas das letras, bem como ao guia Armando Inácio. Toda a assistência aplaudiu com entusiasmo os números apresentados, em especial uma paródia, «A ópera Reginela», arranjo musical do subchefe Tacão Monteiro, cantada por Armando Inácio, José Eduardo Ribeiro e José Lisboa.

Em face do êxito desta iniciativa, a fest. foi repetida no passado dia 5 de Junhoa com iguais resultados.

* * *

Em 5 de Julho, na sala da Juventude Evangélica Portuguesa, de cooperação com a Companhia «Rainha D. Leonor» das Guias de Portugal, foi repetida esta festa, sendo algumas canções substituídas por duas danças regionais pelas guias.

### Comemorações do Dia de Portugal

O Grupo Pedro Álvares Cabral realizou no dia 10 de Junho passado uma boa acção colectiva, visitando 40 crianças internadas no Hospital de D. Estefânia, oferecendo a cada uma um brinquedo e um pacote de bolachas, artigos que foram adquiridos com ofertas dos membros da Igreja Presbiteriana Lisbonense, a que o referido grupo está anexo. Foi um dia alegre para os pequenos doentinhos. O pessoal do Hospital de D. Estefânia acolheu os Escoteiros com toda a simpatia e facilitou a sua visita.

O Delegado Regional de Lisboa, sr. dr. Eugénio Ramos, acompanhou os Escoteiros na sua visita.

O Grupo n.º 2 e o seu Chefe cooperaram com o «Pedro Álvares Cabral» levando também suas ofertas para os pequeninos. — *C.*

## Intercâmbio por correspondência

Escoteiro-chefe E. ABBOTT, do 11.º Grupo de East London, África do Sul, pretende corresponder-se com dirigente português sobre actividades escotistas, todos os desportos, campismo, e trocar distintivos escotistas. Tem 29 anos de idade e pode corresponder-se apenas em inglês. Seu endereço é: 20, SCRABIE COURT, 11, LONGFELLOW STREET, EAST LONDON, SOUTH AFRICA.

# ANTIGOS ESCOTEIROS

## Confraternização de Antigos-Escoteiros do Grupo N.º 3

No passado dia 13 de Junho, reuniram-se num almoço de confraternização os antigos escoteiros que há mais de 40 anos fizeram parte do antigo grupo n.º 3 (Liceu Pedro Nunes) dos Escoteiros de Portugal.

Dia de verdadeiro júbilo para aqueles «rapazes» que há tantos anos a vida afastou para as mais variadas profissões, mas que, através do tempo, mantiveram sempre a maior e a mais sã das amizades. Ou não fosse o escotismo uma grande escola de virtudes!

O almoço decorreu num ambiente de franca alegria e grande animação, através de anedotas escotistas, peripécias e recordações, toda a vida do antigo grupo n.º 3.

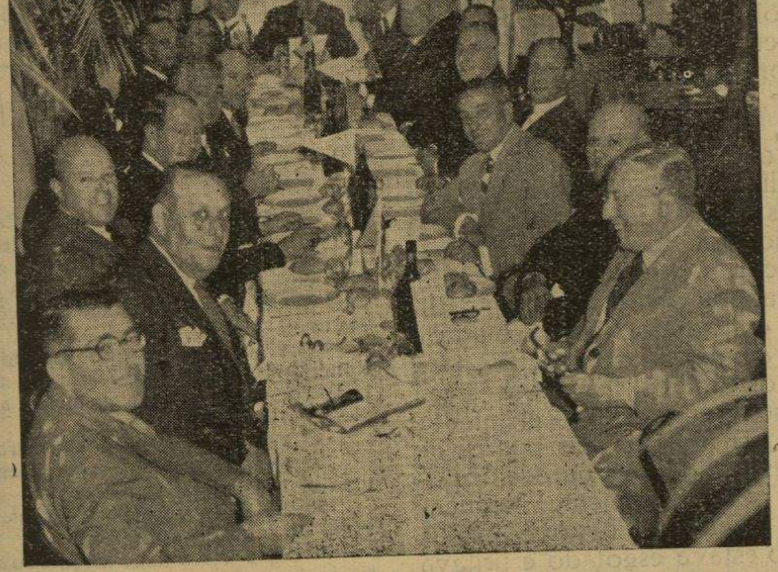
Acorreram à chamada os antigos escoteiros: Srs. Eng.º Agr. Henrique Carlos de Moura, Coronel Dr. Jorge Cesar Oom, Professor Dr. João Faria Lapa, Professor Eng.º Frederico Oom, Eng.º Agr. Carlos Bobone (Conde de Bobone), Coronel Avelino Barbiéri Cardoso, Eng.º Agr. Alvaro Bobone, Eduardo Clynton Martins, Edgar José da Silva, Coronel Alberto Barbiéri Cardoso, Mário Vicente Ribeiro, Dr. Francisco Valente Rocha, José Pereira da Costa, Arqt.º Luiz Benavente, Vasco Gomes da Silva, Pedro Nunes, Dr. José Valente Rocha, Dr. José Ayala Botto, Arqt.º D. Luiz de Melo Corrêa e Gustavo Pereira da Costa.

O antigo escoteiro Prof. Eng.º Frederico Oom ofereceu a todos os seus amigos presentes, como recordação, duas fotografias. Uma de 1914—um acampamento no Seixal e outra de 1915, um acampamento na Serra da Arrábida.

De curioso a notar foi o facto de não ter havido mesa de honra nem se terem pronunciado discursos.

Foram recebidos os seguintes telegramas: De Roma do Dr. António Batalha Reis e de Lisboa do pintor Carlos Botelho, ambos antigos componentes do 3: e mais dos Serviços Centrais da Associação dos Escoteiros de Portugal e do Grupo n.º 2.

Foi resolvido expedir telegramas para o antigo escoteiro-chefe-geral sr. Comandante Melo Machado e para a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal. No final foi resolvido que a próxima reunião se efectuasse no dia 13 de Junho do próximo ano.



Um aspecto do almoço dos «Antigos» do Grupo 3

### Henriques Alves Casquilho

Esteve uns dias em Lisboa, de visita a sua família, este nosso amigo e antigo-escoteiro do «Um», residente em Coimbra. Como não podia deixar de ser, o sr. Alves Casquilho procurou e passou alguns momentos com antigos companheiros da vida escoteira.

### «Bulletin de L'Amitié»

No seu número de Abril passado, este Boletim, órgão da Fraternal Mundial de Antigos Escoteiros e Guias, faz a seguinte referência ao nosso jornal:

«Nos seus recentes números, o «Sempre Pronto», o jornal escoteiro português agora entrado no seu 12.º ano de publicação, tem publicado diversas notícias respeitantes a antigos grupos de escoteiros, bem como à Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal».

Agradecemos a referência e transmitimos as nossas saudações aos dirigentes do «Bulletin».

### Actividade da Fraternal

A Direcção da Fraternal reune regularmente na primeira terça-feira de cada mês, tendo resolvido nas suas últimas reuniões, entre outras coisas, adquirir uma bandeira nacional e outra da Fraternal, mandar fazer emblemas que se encontram já à venda na Sede, na rua de S. Paulo, 254, 1.º; realizar uma reunião com a direcção da A. E. P. etc.

### Reunião de Confraternização

A Direcção resolveu convidar todos os antigos escoteiros, sócios ou não da Fraternal, para se reunirem num chá de confraternização a realizar no dia 29 de Julho corrente. A Direcção espera congregar um bom número de antigos escoteiros.

As inscrições para o chá são feitas na sede, que se encontra aberta todas as terças-feiras, das 21.30 às 23 horas.

### Reunião do Grupo n.º 13

A propósito da notícia que publicámos no último número, escreve-nos o nosso amigo e colaborador sr. Manuel Ferreira para informar que, embora antigo escoteiro daquele Grupo, não enviou qualquer comunicação para aquela reunião como foi por nós publicado.

### Ernesto Belo Redondo

Este nosso dedicado amigo, já regressou a sua casa, e, embora o estado de saúde seja animador, continua em tratamento. Daqui lhe enviamos as nossas saudações com os melhores votos de um restabelecimento breve.

## O cúmulo da «gentileza»

*No acampamento, à tarde, apetece sempre uma merenda, já que a vida de campo abre o apetite e o «ratinho» começa a dar sinal de vida após a digestão do almoço. Assim o pensou uma guia, escoteira, que, ao partir para o seu campo de fim de semana, resolveu entrar na tenda do sr. Leonel, na rua Ferreira Borges, e comprar um pedaço de queijo. Feito o balanço às finanças, a nossa gentil guia pediu cinquenta gramas. Não era demasiado, mas chegava bem para fazer companhia a um naco de pão.*

*O pior, porém, é que o sr. Leonel não esteve pelos ajustes (está habituado a grandes negócios).—Não parto queijo para vender 50 gramas—declarou peremptório. E, a nossa Guia, ágil, porque a hora do combóio se aproximava, saiu. Mas, infelicidade!, o saco-mochila toca numa saca mal colocada e lá se entorna um pouco de feijão manteiga.*

*O sr. Leonel ficou irritadíssimo! Exigiu imediatamente que a pequena apanhasse o feijão. Ela assim fez. Mas não estava ainda satisfeita a justiça do merceeiro.—Tinha de comprar o feijão entornado, um litro!*

*A Guia hesitou perante tão absurda exigência, mas o nosso herói ameaçou chamar a polícia. Como a hora do combóio se aproximava—e as guias não gostam de questões—, a pequena comprou mesmo o feijão.*

*No Domingo, no acampamento, enquanto se comia sopa de feijão manteiga, as guias riam a bom rir. Era a anedota do dia: — A «gentileza» do sr. Leonel... Um caso incrível, mas que, de facto, aconteceu.*

## NOMES EVOCATIVOS

*(Conclusão da 1.ª página)*

esperam essa «hora de libertação». Serenamente, sem espalhafatos sempre perniciosos, vamos emprestando o nosso modesto contributo para essa anelada valorização. É certo que os problemas a resolver são de invulgar transcendência e que a obra de saneamento precisa de ser encarada com grande firmeza e decisão. Isso não obsta a que deixemos de confiar. E se as nossas previsões se realizarem, o amanhã apresentar-nos-á, indubitàvelmente, uma grande reunião de escoteiros portugueses, dos escoteiros de verdade, e será a altura de o nome de uma modesta aldeia portuguesa, ou de uma das vilas de mais nobres tradições, ou talvez de uma cidade do nosso Portugal, ficar com o seu nome ligado a um dos momentos mais felizes do Movimento nestas paragens, a atestar que neste cantinho ainda há quem se dedique com abnegação à tarefa da valorização educativa da juventude.

JOEL RIBEIRO




# SEMPRE PRONTO

Quando das batalhas de Valverde, de Trancoso, dos Atoleiros, de Aljubarrota e outras, que vocês conhecem da História de Portugal, os nossos bravos soldados, quando combatiam as hostes Castelhanas, faziam-no sempre aos gritos:—**Por Portugal e S. Jorge!** E a figura lendária do Santo, era evocada com ardor, como o faziam os soldados ingleses quando se lançavam, valentemente, em qualquer peleja.

Os nossos homens de armas, que outrora se batiam com os serracenos, gritavam:—**Por Santiago e aos Mouros!**—passaram então a evocar S. Jorge, o padroeiro da Inglaterra, símbolo dos mais altos ideais e virtudes da raça.

Foi a 23 de Abril que se comemorou o Dia Universal de S. Jorge, exemplo de cavaleiros, modelo de honra e lealdade, e também o patrono dos Escoteiros de todo o Mundo, esses abnegados rapazes que, em todos os Continentes, se agrupam sob o patronato de Baden-Powell, o fundador de tão prestante organização mundial, criada para o aperfeiçoamento da Juventude, que encaminha para o cumprimento do dever e da honra, temperando as almas no fogo sagrado da abnegação e do sacrifício...

Conheci um desses simpáticos rapazes. Chamava-se Rodolfo, e pertencia à «Patrulha do Cão», uma das mais prestantes do seu Grupo.

«Sempre Pronto», a altruísta divisa dos Escoteiros, era para Rodolfo como que uma ordem para bem cumprir; era o seu lema, quase uma verdadeira obsecação. Rodolfo — digamos - - estava **Sempre Pronto** para servir o próximo; mais ainda, tinha que estar **Sempre Pronto** para quando precisassem de si. Isto constituia o seu pensamento dominante e no dia em que não prestava uma boa acção — como mandavam os regulamentos — Rodolfo não se sentia bem com a sua consciência e achava-se diminuído perante os seus companheiros. Cumpria escrupulosamente os preceitos escotistas, não fumava, não bebia, era estudioso, respeitava religiosamente os pais, os professores, praticava quase diàriamente uma acção meritória, ajudava os velhos, os cegos e os inválidos; enfim Rodolfo cumpria... Rodolfo estava «Sempre Pronto».

Um dia, quando se dirigia para um acampamento, marchando garbosamente estrada fora, Rodolfo ouviu os latidos aflitivos dum cão, e lembrando-se, instantaneamente, que nesse dia não tinha ainda praticado a sua boa acção, correu na direcção donde partiam os apelos angustiosos do animal, e assim pôde chegar à boca de um poço aberto à face do terreno, que o pobre cão não vira na sua correria desordenada e ali caíra.

Rodolfo, num golpe de vista, avaliou a situação. Mais uns minutos e o rafeiro já não teria forças para manter-se à tona de água, nadando à sua maneira, sem possibilidade de salvar-se. Valeu-lhe a coragem do rapaz e estar equipado naquele momento. Tirou a mochila e o chapéu, soltou a corda que trazia presa ao cinturão, amarrou uma ponta à árvore que encontrou mais próxima e, sem hesitar, lançou-se pela borda, escorregando pela corda como qualquer ginasta. Era tempo. O infeliz cão deixara de debater-se com as águas e ia afundar-se sem remédio, quando Rodolfo, suspenso da corda com a mão esquerda, lhe alcançou o cachaço com a direita e com um forte impulso atirou com o animal, já desfalecido, para cima dos ombros. Depois, à força de pulso e num esforço esgotante, trepou por aqueles seis metros de corda estendida pela parede do poço, e pôde finalmente alcançar terreno firme onde depôs o animal. Rodolfo estava esgotado e tiritava de frio, molhado até aos ossos. Não podia mais, mas a sua missão não estava ainda cumprida. Era preciso reanimar o animal. Pegou-lhe pelas patas traseiras, pendurou-o de cabeça para baixo, e assim foi possível fazê-lo deitar fora toda a água que tinha engolido na ânsia de salvar-se. Depois, com as poucas forças que lhe restavam, friccionou fortemente o animal e, ao fim de meia hora de porfiados esforços, o cão voltava à vida e Rodolfo perdia os sentidos, vencido pelo esgotante salvamento que levara a cabo, tarefa sobre-humana para uma criança de 14 anos.

Mas o inteligente animal compreendera tudo e no desejo imenso de socorrer, por sua vez, o seu salvador, começou lambendo furiosamente as faces da criança que, inanimada, não voltava a si.

Foi então esse rafeiro anónimo e vádio — pois fora um dia desgraçadamente abandonado pelo dono — correu, ladrando, até encontrar alguém. Fora o caseiro da quinta que encontrara, e, puxando-lhe furiosamente pelas calças, levou-o até junto de Rodolfo e assim o abnegado Escoteiro pôde ser socorrido.

Quinze dias Rodolfo se debateu, na cama, com uma pneumonia. Salvo por fim da doença, que o resfriamento tinha produzido, passou a viver para o amigo «Piloto», que nem um momento sequer abandonara a cabeceira da cama do seu salvador, a quem olhava terna e fixamente, com uma tristeza digna de qualquer humano.

Mais tarde, Rodolfo, foi nomeado guia da Patrulha que passou a chamar-se do «Cão» em homenagem ao seu amigo «Piloto», que seguia agora os escoteiros para toda a parte.

Rodolfo sabia, há muito, que era sua obrigação estar «**Sempre Pronto...**» e não se enganara.

FERNANDO ALMIRO

*Do "Pim-Pam-Pum" — Suplemento de «O Século».*

---

## FILATELIA ESCOTEIRA

### NOVAS EDIÇÕES

Os selos comemorativos do Escotismo estão constituindo uma valiosa colecção temática, que no próximo ano será enriquecida com os selos comemorativos do centenário de B. P., que muitas nações vão emitir.

Em 27 de Junho do ano passado, a Indonésia publicou uma série de 5 selos, para comemorar o seu primeiro acampamento, nas seguintes taxas:

15 c + 10 c (emblema escoteiro).

35 c + 25 c azul — (escoteiro enviando uma mensagem em semáforo).

50 c + 25 c vermelho (Escoteiro em volta do fogo do conselho).

75 c + 5 c castanho (Escoteiro alimentando um enho).

10 c + 5 c. violeta (Escoteiro saudando).

O selo emitido pelo Canadá em comemoração do Jambori «Novos Horizontes» foi considerado pelos leitores da revista *Stamps* como o mais bonito selo dos oito publicados no Canadá em 1955.

---

## Um apelo aos Escoteiros

O Caminheiro Carlos R. Gama, do Grupo 67 do Seixal, filho do antigo chefe daquele grupo, internado no Sanatório Dr. José de Almeida, da Parede, há mais de 3 anos, pede, por nosso intermédio, aos seus camaradas para que lhe emprestem alguns livros para ele «os ler e estar um pouco entretido», segundo as suas próprias palavras.

Esta é uma boa oportunidade para uma boa acção. A literatura pode ser endereçada para o doente, na sala A daquele Sanatório.

# O MINISTÉRIO DO ESCOTEIRO-CHEFE

*Excerto da tese apresentada por Eduardo Ribeiro à II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos*

*"O maior de entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve".*
*JESUS CRISTO*

Na distribuição de tarefas para esta II Reunião-Geral, coube-me o encargo de preparar o estudo do tema «O Ministério do Escoteiro-Chefe». Tarefa difícil porque o cargo de Escoteiro-Chefe é de tal relevância, que estabelecer regras para a sua missão é trabalho ousado. Procuraremos, no entanto, amparar-nos nas normas que outros mais experientes têm já traçado e, talvez assim, consigamos proporcionar algumas conclusões para discussão.

Antes, porém, quero prestar uma sincera e justa homenagem àqueles que nos grupos de escoteiros, nas alcateias dos lobitos, nas companhias das guias desempenham a missão de dirigentes. Eu sei que a vossa dedicação e espírito de sacrifício nem sempre são suficientemente apreciados. Mas posso afirmar, com plena consciência, que difícilmente se encontrará cargo que exija tanta dedicação, paciência, tacto, sacrifício de bem-estar e comodidade, vocação e competência mesmo. Por isso, meus caros camaradas, vos felicito pelo vosso espírito de serviço e vos peço, em nome de muitos pais agradecidos, que não desanimeis e que através de tantas incompreensões e dificuldades do meio adverso, continueis no vosso esforço que será recompensado por Aquele a quem servis: — o nosso Chefe, Jesus Cristo.

O título da tese que me foi confiada encerra em si próprio já uma conclusão: Se o cargo de Escoteiro-Chefe é um «ministério», não é um emprego, portanto um trabalho de sujeição permanente e obrigatório. Também não é um ofício, que imporia obrigação e daria poder e autoridade para executar uma tarefa. Também não é meramente um cargo que daria privilégios a quem o desempenhasse. A missão do Escoteiro-Chefe é um ministério e a ideia própria de ministério é de que exerce um cargo em substituição e em nome de outro, de um senhor, que o nomeia por força do seu próprio poder. Ministério é, sobretudo, serviço em nome de um poder superior.

Esse poder mais alto, essa autoridade indiscutível e poderosa que nos aponta o dever indeclinável de servir é, exactamente, Aquele que afirma: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos». É Jesus Cristo, Aquele que, numa época em que a infância era ainda completamente incompreendida, chegou a si uma criancinha, afagou-a, para depois declarar com suprema autoridade: «Qualquer que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim me recebe».

É este o ministério do Escoteiro-Chefe: Em nome de Jesus Cristo colocar as suas aptidões e a sua vida ao serviço das crianças. É esta a recompensa: Ter o privilégio de receber o próprio Jesus Cristo, Senhor e Salvador Nosso.

**Só o homem vocacionado deve aceitar o ministério de Escoteiro-Chefe, como só a senhora vocacionada deve aceitar o ministério de Guia-Chefe.**

Reconhecido o alto valor da missão do Escoteiro-Chefe, compreender-se-á a grande responsabilidade que ela implica e, portanto, a necessidade de uma preparação eficiente. Devemos, porém, fazer notar que a missão de dirigir um grupo é muito espinhosa. Não se trata de uma eventual reunião ou acampamento com rapazes ou meninas, o que poderia constituir uma distracção, mas de uma actividade permanente, de um constante interesse por cada rapaz ou por cada menina, no caso das guias, procurando conhecer as suas dificuldades, anseios, orientando as suas brincadeiras, o natural desejo de impor a personalidade em formação, suportando incompreensões e leviandades próprias da idade, levando com paciência as manifestações exuberantes do seu excesso de vida, as consequências turbulentas do instinto de luta tão latente na mocidade. Esta tarefa tão pesada, e sobretudo tão permanente, só pode ser desempenhada por quem reconheça que exerce essa missão em nome de Jesus Cristo e esteja disposto a realizar esse serviço sem desânimo e sem se deixar saturar, o que só se conseguirá se o Escoteiro-Chefe, ou a Guia-Chefe, sentir um profundo amor pelos novos, estando disposto a fazer a doação de sua vida, colocando no desempenho do seu cargo os dons da sua inteligência. Isto, afinal, é aquilo a que se chama VOCAÇÃO.

**O ministério do Escoteiro-Chefe (ou da Guia-Chefe) exige que ele tenha um espírito jovial, seja capaz de pensar e agir como se um rapaz fosse, o que só poderá conseguir através da compreensão da natureza da adolescência e de um conhecimento individual de cada escoteiro e do meio onde ele vive.**

Baden-Powell, que foi sem dúvida um homem vocacionado para Escoteiro-Chefe, dizia que para confortar aqueles que desejavam tornar-se dirigentes, gostaria de contradizer o conceito errado e comum de que para ser chefe escoteiro um homem deve ser um sabe-tudo. E acrescenta: «Não. Simplesmente o que é preciso é que seja um homem-rapaz. Ou seja:

«Possua um espírito de rapaz e saiba, como primeira medida, colocar-se no mesmo plano daqueles de quem se ocupa.

«Esteja consciente das necessidades, perspectivas e desejos inerentes às distintas idades do rapaz.»

Estes conselhos do Fundador poderão ser ilustrados pelos extraordinários êxitos alcançados por William Guild, um americano da Flórida, que se dedicou à tarefa de fazer despertar nos jovens o desejo de investigar a natureza, cujos métodos são acatados pelos educadores. Interrogado acerca do segredo do seu êxito, Guild limitou-se a responder: «É que eu sei pensar como criança». É este o predicado essencial do Escoteiro-Chefe. Ser capaz de pensar como os rapazes e possuir um espírito jovial de maneira a poder associar-se às actividades dos escoteiros no mesmo plano deles, compreendendo os seus reflexos e procedendo como se reagisse da mesma forma que eles em face das coisas da vida e das actividades escoteiras.

O título de Chefe é o menos adequado para a missão do dirigente escoteiro. Este título exerce, por vezes, uma má orientação nos inexperientes. Julgam que a missão de dirigir uma unidade escotista consiste numa atitude de comando, procurando a toda a força fazer-se obedecer rigidamente. Nada mais errado. O escoteiro-chefe terá a preocupação de deixar os rapazes agir livremente, procurando canalizar a sua actividade no sentido da formação da sua personalidade, acompanhando-os de forma tal que a sua pre-

*(Continua na 6.ª página)*

# O MINISTÉRIO DO ESCOTEIRO-CHEFE

(*Continuação da 5.ª página*)

sença seja contada como a de um escoteiro mais, um companheiro que toma parte na mesma aventura, interessado nos mesmos objectivos. Onde parece que devia haver uma ordem, usa-se um conselho amigo; onde uma directriz se mostrava essencial, aplica-se só um parecer; onde uma inspecção se reconhece indispensável, faz-se uma simples visita.

O dirigente terá o êxito assegurado na medida em que tiver conquistado a confiança do rapaz e tenha conseguido tornar-se um dos seus companheiros preferidos.

Para alcançar esta posição é necessário que o dirigente tenha uma boa compreensão do adolescente. Necessita para isso de ter um conhecimento geral da psicologia das diferentes idades, e, para melhor atingir este objectivo, é que se aconselha que cada chefe trabalhe sòmente com uma divisão. Obterá estas noções pela observação directa e pela leitura atenta de literatura especializada, mas sem necessidade de enveredar pelas obras de muita profundidade científica. As obras de Baden-Powell serão um óptimo auxílio e permiti-me ainda que vos recomende um livro de divulgação que será muito útil para uma melhor compreensão do carácter dos adolescentes. Trata-se de um trabalho do dr. José Neiva, «A Psicologia dos Adolescentes».

Os dirigentes que possam ler francês, têm na obra do dirigente dos escoteiros unionistas franceses, Jean Pellegrin, «Trente Garçons», uma boa inspiração para o seu serviço. Por tudo isto se reconhece indispensável que o Chefe possua uma pequena biblioteca, laboratório da sua acção.

Mas não há rapazes iguais. Para conhecer, como é indispensável, cada escoteiro individualmente, o chefe necessita de conhecer o meio onde ele vive, a sua família, mesmo a sua habitação, o bairro onde vive, os seus companheiros, as suas ocupações. Quando o Chefe estiver na posse de todos estes elementos terá reunido o material que o habilitará a fazer essa descoberta sensacional—o rapaz.

**O ministério do Escoteiro-Chefe ou da Guia-Chefe exige que seja uma pessoa com cultura, conhecedora das coisas simples e comuns da vida, capaz de ajudar o escoteiro a satisfazer pelo seu próprio esforço o desejo de saber.**

Uma das características da adolescência é a ânsia de saber. O dirigente tem de estar preparado para satisfazer esta curiosidade dos rapazes e apto a estimulá-la, desenvolvendo o espírito de observação, criando nos escoteiros o desejo de aprenderem por si próprios. Isto exige que os dirigentes tenham cultura. O Escoteiro-Chefe tem de ser uma pessoa culta, de mente aberta. Não vamos, contudo, pensar que se exige cultura universitária ou conhecimentos especializados.

Também se não julgue que se trata apenas de cultura escotista. Esta é necessária, mas deixai-me afirmar que não é essencial. Essa técnica escotista de que tanto se fala, para o que se julga conveniente criar cursos, escolas, não é essencial para alguém que deseje assumir a responsabilidade de orientar um grupo de escoteiros (ou uma companhia de guias). Um espírito culto, inteligente, tendo nas mãos o «Escotismo para Rapazes» e «O Guia do Chefe Escoteiro», ambos de Baden-Powell, está tècnicamente preparado para dirigir uma unidade escotista, bastando, para isso chamar em seu auxílio, como aconselha o Fundador, amigos do Escotismo prontos a instruir certas especialidades como enfermagem, sinalização e outras.

O que é, porém, indispensável para um eficiente desempenho desse cargo é o conhecimento do vulgar da vida, das coisas simples da natureza, dos trabalhos da agricultura, das abelhas, dos reptis, das flores, da vida dos pescadores, das coisas simples do exército, da marinha, da história pátria, dos monumentos, da geografia, das fábricas, dos ofícios, das escolas, do governo da nação; seja capaz de falar delas com natural clarividência e despertar no rapaz o sentido estético, o apreço pela beleza, pela obra maravilhosa de Deus na natureza.

Permiti-me, pois, que recomende a todos aqueles que queiram dirigir unidades escotistas, a necessidade de se cultivarem e desenvolverem o seu próprio espírito de observação.

Jean Pellegrin, já citado, diz que «é inconcebível que um chefe não tenha cultura escotista, mas seria desastroso se ele fosse um jovem sem cultura».

**Conduzir os rapazes ao conhecimento de Deus, pelo testemunho pessoal, pelo ambiente espiritual do grupo e pela descoberta das obras maravilhosas da criação é o grande dever do ministério do Escoteiro-Chefe.**

Diz Baden-Powell que «uma organização como a nossa seria imperfeita no seu fim se não procurasse dar a seus membros o conhecimento da religião». O primeiro artigo do Compromisso de Honra aponta como primeiro dever do Escoteiro o amor e o serviço de Deus e da Pátria. É ainda o Fundador quem afirma que «para apreciar o êxito da educação, da mesma forma que para toda a arte, é preciso atender aos resultados e não aos métodos. O fim da educação—diz ele—é formar cidadãos crendo em Deus, correctos, prósperos e, por consequência, felizes». Isto mostra que o pensamento de Baden-Powell, ao sugerir o Escotismo, era fundar um Movimento que fomentasse o sentimento religioso na mocidade e a aproximasse de Deus.

No Jambori da Simplicidade, que se realizou em 1951 na Áustria, era costume no campo dos Velhos Ossos, destinado aos chefes visitantes, reunirem-se alguns dirigentes conversando. Uma noite, em volta da mesa do meu subcampo, conversavam uns chefes indochineses com outro francês. Este era católico, mas da associação Éclaireurs de France, que se afasta bastante dos princípios fundamentais do Escotismo. Os indochineses não eram cristãos e afirmavam-se adeptos de Gandi. Um dos chefes indochineses duvidava da possibilidade de um chefe cristão poder ser neutral na chefia de um grupo neutro em matéria religiosa. O francês afirmava o seu escrúpulo em não falar de religião aos rapazes e protestava a sua neutralidade nas relações com os escoteiros. Ouvi com interesse a discussão e, a certa altura, resolvi dar a minha opinião, favorável ao indochinês. «Um cristão — disse — está obrigado a dar sempre testemunho da sua fé». A minha intervenção, e os comentários feitos a propósito, prejudicaram a posição do chefe francês e a conversa tomou outro rumo.

Mas, sem dúvida, é esta a posição do Escoteiro-Chefe cristão: Dar testemunho. Por vezes, dirigentes escoteiros têm pretendido, sugestionados por opiniões de elementos laicos, que o dirigente deve evitar pro-

(*Conclui na 7.ª página*)

## O MINISTÉRIO DO ESCOTEIRO-CHEFE

*(Conclusão da 6.ª página)*

pagar a fé através do escotismo. Tal opinião é absolutamente errada, incompatível com o dever de um crente e contrária aos princípios fundamentais do Escotismo. Iremos apoiar esta nossa afirmação com as declarações feitas pelo próprio Fundador do Escotismo.

Propositadamente deixarei de citar aquilo que ele diz a respeito dos grupos confessionais e socorrer-me-ei das normas indicadas para os grupos que tenham rapazes sem qualquer religião, infelizmente, os mais frequentes nas cidades portuguesas. Oiçamo-lo:

«Outros grupos, nos bairros populares, têm rapazes que não pertencem a nenhuma religião e os pais não lhes dão qualquer auxílio nesse sentido. Naturalmente estes rapazes devem ser instruídos com o auxílio de método bem diferente daqueles que se empregam com jovens em quem a religião está já implantada.

«(...) Eis aqui pràticamente o que o Escotismo pode oferecer neste domínio:

a) Exemplo pessoal do chefe.
b) Estudo da natureza.
c) Boa acções.
d) Serviço missionário.
e) Esforços para reter os rapazes mais velhos».

O Fundador alonga-se depois a explicar a forma como se deve expressar o exemplo pessoal do Chefe e afirma que o testemunho deste é a melhor maneira de explicar a religião, acrescentando que o rapaz está mais atento àquilo que o Chefe faz do que àquilo que ele diz. E termina: Ainda aqui a acção de um irmão mais velho é mais eficaz do que a de um professor».

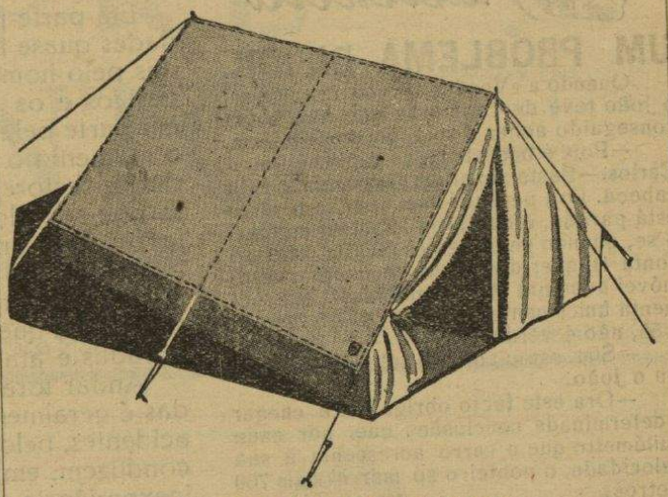
O Dirigente deve, pois, ocupar com regularidade o seu lugar na igreja e rodear toda a actividade escotista de um cunho espiritual que impressione o rapaz. Não é difícil obter este resultado, porquanto, o adolescente é naturalmente inclinado ao sentimento espiritual e é idealista. É preciso apenas que o Chefe saiba aproveitar a tendência do rapaz.

O estudo da natureza é outra forma preciosa de levar o rapaz a conhecer Deus pelas manifestações maravilhosas da criação. Como diz Baden-Powell, «as flores nas suas ordens, as plantas de todas as qualidades, os seus caules, o seu revestimento; os animais, os seus hábitos e as suas espécies. Depois, as estrelas do céu, com os seus lugares determinados, os seus movimentos ordenados, dão-nos a concepção do infinito e do vasto sistema do criador onde o homem é uma tão pequena coisa. Todos estes objectos que fazem apelo à sua curiosidade e às suas faculdades de observação fascinam os rapazes até os absorver e conduzem-nos directamente a reconhecer a mão de Deus neste mundo de maravilhas».

Não pode, pois, o Escoteiro-Chefe negligenciar este importante aspecto da sua missão, sem o qual todo o seu trabalho resultaria inútil.

EDUARDO RIBEIRO

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em:

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de Mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

*Antes de adquirir material consulte sempre a*

TECNICAMPO, L.DA

*Rua da Conceição, 13-1.º—Telef. 21917—LISBOA*

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)

## DOS AÇORES

### Grupo n.º 52—Angra do Heroismo

#### Excursões

No Domingo, dia 3 de Junho, os escoteiros do grupo 52 iniciaram os seus passeios de verão, seguindo pela Gruta do Medo, Sapateiro, Pico da Bagacina e Caldeira Guilherme Moniz, onde atravessaram as furnas de água mais extensas, terminando na do Caminho do Cabrito, tendo percorrido uns 20 quilómetros.

Junta à Achada, juntou-se aos escoteiros uma excursão americana, que o Chefe e alguns rapazes conduziu através de uma das furnas maiores.

Em seguida, o Chefe Moniz Silva, obsequiosamente, acompanhou os estrangeiros a Angra, como guia e intérprete, numa extensa visita à cidade, que terminou no Castelo de S. João Baptista.

No Domingo, dia 17, novamente o Chefe do 52 conduziu outra excursão americana em digressão pela cidade e arredores, tendo-se demorado na Catedral e na Fortaleza do Monte Brasil.

## Juventude Evangélica Portuguesa

### CONCURSO FOTOGRÁFICO

Incluído nas comemorações do 30.º aniversário da sua fundação, a J. E. P. vai promover um concurso fotográfico para o qual serão aceites trabalhos de amadores, nas dimensões de 9×12 a 18×24, a preto e branco, nas seguintes classes: Composição, Paisagem ou Marinha, Retrato.

Todos o trabalhos deverão ser apresentados na sede daquela colectividade, na Avenida de D. Carlos I, n.º 35, até 15 Agosto próximo, nos moldes habituais.

Os trabalhos apresentados serão expostos naquele mesmo local de 6 a 13 de Outubro p. f.

### Dia de Portugal

Neste dia, os Escoteiros do Grupo 52 reuniram-se junto do Observatório e ali comemoraram a significativa data. O Chefe Moniz Silva falou aos escoteiros, referiu-se a várias passagens da vida de Camões e terminou com sentidas considerações sobre o amor da Pátria. — *C.*



## COISAS DO NORTE

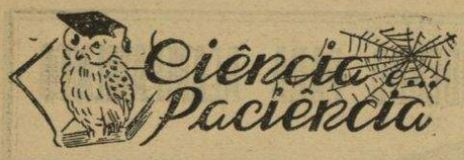
### Comemorações do Dia de Portugal

Os grupo n.os 4, 15, 41, 44 e 91 da Região do Norte comemoram o Dia de Portugal, tendo-se concentrado na Praça Carlos Alberto, junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Às 10 horas, chegou o sr. comandante Coutinho Lanhoso, delegado regional do Norte, tendo os Escoteiros prestado homenagem ao Soldado Desconhecido e colocado um ramo de flores no pedestal.

O Chefe Arnaldo Eduardo Couto proferiu uma alocução e referiu-se ao significado do «Dia de Portugal», apresentando as saudações dos Escoteiros do Norte ao Delegado Regional.

Os grupos desfilaram depois até ao centro da cidade, dirigidos pelo chefe António Moreira.




## UM PROBLEMA DIFÍCIL

Quando a «Veado» tornou a reunir-se, o João teve de confessar que não havia conseguido achar a solução do problema.

—Pois é bem simples—replicou-lhe o Carlos.—Basta puxar um poucochinho pela cabeça. Ora pensa lá: se, quando o carro está parado, o conta-quilómetros marca 6 e se, quando se atinge os 50 Km., ele só conta 41, quer dizer que, enquanto o automóvel aumenta 50 na velocidade, ele aumenta ùnicamente 35, isto é, 41—6 igual a a 35, não é verdade?

—Sim, estou compreendendo,—assentiu o João.

—Ora este facto obriga-nos a chegar a determinada conclusão: que, por cada quilómetro que o carro acrescenta à sua velocidade, o ponteiro só marca mais 700 metros.

—Perfeitamente,—disse logo o João, —35 a dividir por 50 dá 0,7...

—Ora, com este dado,—continuou o Carlos, — podemos responder à primeira pergunta: o ponteiro indicará precisamente a velocidade que o carro está a percorrer na altura exacta em que a vantagem de 6 Km., que o conta-quilómetros levava inicialmente, for eliminada. Perdendo o ponteiro, por cada quilómetro de aceleração, 300 metros, quando o automóvel for a 20 Km., o mostrador do conta-quilómetros indicará a mesma velocidade...

—É isso mesmo: 6 a dividir por 0, 3 dá 20,—confirmou o João.

Mas o Carlos prosseguiu:

—À 2.ª pergunta responde-se fàcilmente: se o ponteiro só aumenta 0, 7 Km. por cada quilómetro de aceleração, quando o automóvel atingir os 30, o ponteiro indicará 30 vezes 0, 7, ou sejam 21 Km., os quais juntos aos 6 que ele já levava de avanço, dará 27, que é a velocidade então indicada no mostrador.

Tens razão,—disse por fim o João.—Afinal o problema é mais simples do que parecia. Vamos lá a ver se consigo um outro problema que também te deixe embarrilado...

—Vamos lá a ver, vamos lá ver — redarguiu o Carlos.

Na reunião seguinte, a espectativa era geral. Todos aguardavam com verdadeira ansiedade o problema que o João apresentaria. Este chegou à sede com ar vitorioso. Os escoteiros da «Veado» rodearam-no logo.—Então que trazes?—perguntou o Carlos.

Um problema que me foi sugerido na visita que fiz no Domingo à minha Avó. Como tu sabes, ela tem uma quintarola aqui para os «saloios» e gosta de a governar e fazer os seus negócios. Um dia destes, fez um negócio curioso:

«Trocou coelhos por galinhas à razão de 2 coelhos por 3 galinhas. Consegui averiguar que estas galinhas puseram cada uma tantos ovos como 1/3 que há de galinhas. A minha Avó vendeu metade dos ovos, a três ovos por 5$00, e fez 90$00. Quero que tu me digas, se fores capaz, quantos coelhos tinha ela?»

O Carlos ficou um pouco atrapalhado. Anotou os dados do problema e disse apenas:—Vamos a ver.

Nós dizemos a mesma coisa, mas, para isso, temos de aguardar a futura reunião da «Veado».

* * *

No último problema, nenhum dos nossos estimados leitores se decidiu a auxiliar o João na sua tarefa.

Esperamos que desta vez haja alguns dos nossos amigos que dêem a sua colaboração aos dois conhecidos escoteiros da «Veado», os quais se sentirão muito satisfeitos com ela.

## ANDAR «FORA DE MÃO»

Em parte por efeito das velocidades quase incríveis agora atingidas pelo homem com os inerentes perigos e os inevitáveis desastres, em parte pela incerteza que a todo o momento o domina nos mais variados sectores da sua actividade, tornou-se vulgar o escutar as palavras que encimam estas notas, aplicadas não apenas, como poderá depreender-se, ao que se relacione com questões de trânsito por estradas e atalhos.

Andar fora de mão nas estradas é geralmente motivo de sérios acidentes, pelos factores que a tal conduzem, em que predominam a inexperiência e a embriaguês. Mas quantos não andam «fora de mão» na vida, no dia a dia, nas mil e uma ocupações a que se dedicam, por necessidade, por prazer ou por força das circunstâncias? E se há casos em que, final e felizmente, aparece a mudança normalizadora que se impunha, outros há, e sempre em maior número, em que tal mudança tarde ou nunca chega a verificar-se, com prejuízo cada vez maior para os que directa ou indirectamente, vão sofrendo as consequências de um estado de coisas de que, normalmente, não são culpados.

É difícil andar «fora de mão» no serviço quotidiano de que se depende. Quem o faz, tarde ou cedo é posto em foco, e o castigo diverge consoante o critério de quem dirige, se o assunto lhe estiver adstrito, ou da autoridade, se a gravidade da culpa assim o indicar. Outrotanto não sucede, ou muito raramente sucede, com quem manda e orienta, com quem não tendo a preparação de que carece e deixando-se vencer a miúdo por instintos além do razoável, dispõe de vasto campo de acção para se inclinar a «fantasias», que pela sua natureza assumem carácter proibitivo, martirizando os que lhe ficam sob a alçada ou ensinando sobre falsas bases.

* * *

Um dos intuitos primaciais do Escotismo é o de criar homens sãos de corpo e de espírito e desenvolver neles as noções, porventura antes elementares, do trabalho, do dever e da responsabilidade. Estes são, a nosso ver, os alicerces em que poderão moldar-se mentalidades rectas e justas, capazes, porque bem souberam e sabem obedecer e compreender a obediência disciplinada, de saber conduzir com a isenção e justiça tão essenciais ao progresso de uma causa, seja ela qual for.

São estas bases, como as restantes em que assenta o movimento escotista, que lhe grangeiam a universalidade de que disfruta. São elas que, através dos tempos, manterão ao de cima o maravilhoso conjunto de normas que a bem comum coligiu e explanou o grande Mestre que foi, e é para todos nós, Robert Baden-Powell.

J. M. PEREIRA

## O X Acampamento Nacional do C. N. E.

### Realizar-se-á de 17 a 27 de Agosto próximo, na Quinta de Fiães, perto de Avintes, a 10 Kms. de Vila Nova de Gaia

A associação católica de escoteiros está preparando com todo o esmero este grande acampamento nacional. Serão organizados os Serviços Centrais, de Recepção, Água e Higiene, Correios, Telefónicos, Imprensa, Excursões, etc. Funcionarão também os serviços da Assistência a Actos Religiosos.

Os acampantes serão divididos por quatro grandes subcampos organizados à volta das principais Regiões do C. N. E.: Lisboa, Braga, Porto, Guarda e outros: bem como, em local especialmente escolhido, o subcampo feminino, com programa e organização próprios, para os elementos das patrulhas de estudo e «Akelás», e ainda para o contingente das guias de Portugal, a quem foi dirigido um convite especial.

Foram dirigidos convites para participarem no X Nacional à Associação dos Escoteiros de Portugal, que aceitou, e a diversas associações de outros países. Destas aceitaram as organizações inglesa, austríaca, sueca, dinamarquesa, espanhola, grega, gibraltina, americana e holandesa, se bem que algumas não tivessem ainda confirmado. O facto de se estar precisamente a um ano de um Jambori que passou e doutro que se vai realizar, de certo modo prejudicará a vinda de irmãos escoteiros de além-fronteiras.

Estão previstas uma exposição escotista e diversas excursões. Altas individualidades eclesiásticas e civis foram convidadas para visitar o campo.

Será Chefe de Campo o Chefe Nacional do C. N. E., sr. D. José de Lencastre, coadjuvado pelos seus adjuntos Dr. José Francisco dos Santos e Eng.º José Paulo de Lencastre e demais membros da Junta Central, Chefes Gerais e Regionais.

Trata-se, portanto, de uma actividade que promete revestir-se de grande brilhantismo e relevo, à qual «Sempre Pronto» deseja o maior êxito.

• • o • •

## Vai realizar-se em 1957 em Portugal

### A XII Conferência Internacional dos Dirigentes Escotistas Católicos

A XI Conferência Internacional, reunida em Edimburgo em Maio passado, resolveu aceitar o convite do Corpo Nacional de Escutas para a realização em Portugal da XII Conferência, de 12 a 16 de Junho do próximo ano.

O local escolhido foi a Cova da Iria e e tema proposto para estudo foi «O que esperam conseguir as nossas associações do Escotismo Católico».

Os delegados à Conferência serão hóspedes do C. N. E.

• • o • •

## DO ENTRONCAMENTO

### Grupo n.º 84

A Banda deste grupo tomou parte numa festa em benefício dos Bombeiros Voluntários desta Vila, tendo percorrido as ruas à tarde e efectuado um breve concerto num coreto improvisado — *C.*